

MARIA FIRMINA DOS REIS: UM RECONQUISTAR DA MULHER E DA ÉPOCA QUE SE “CRIARAM NA TINTA E NO PAPEL”.

Carla Sampaio dos Santos ¹

INTRODUÇÃO

Numa pesquisa anterior, voltada ao estudo de Maria Firmina⁴ como educadora, escritora e musicista, busquei analisar a existência de núcleos familiares da autora que destoavam do que era compreendido, necessariamente, por núcleos familiares patriarcais. Afirmava isso, observando que a família de Maria Firmina se apresentava com outro desenho social em meio à tradicional sociedade brasileira do Nordeste. Digo isso, porque aos cinco anos de idade, com sua avó, mãe, irmã Amália Augusta dos Reis e sua prima Balduína, todas deixaram sua cidade de origem São Luís-MA e foram morar na casa de sua tia Henriqueta, na vila de Guimarães-MA, que era próxima da capital.

É nesse espaço familiar peculiar que Maria Firmina vai produzir obras importantes de cunho literário e é sobre essas obras que iremos nos debruçar para refletir como a autora expôs nas tintas da ficção a sociedade do século XIX e outro papel da mulher na sociedade brasileira.

Esta pesquisa apresenta como principal objetivo analisar o lugar da mulher Maria Firmina dos Reis na história da literatura brasileira e, como a mesma, contribuiu e participou com seus escritos movimentos artísticos da sua época. Para tanto, iremos partir de uma investigação a luz da Sociologia da Literatura de Raymundo Faoro trabalhar com suas três prosas ficcionais Úrsula, Gupeva e A Escrava, nos concentrando nas suas personagens femininas, a saber, a mulher branca, a indígena e a negra (escravizada), respectivamente.

Partindo do que Antonio Candido anuncia sobre o escritor nos fornecer indícios, evidências ou um certo sentimento de realidade, consideramos que leitor oitocentista de Maria Firmina estava em contato com traços da realidade, isto é, um “profundo sentimento de vida” originário de uma época que nós identificamos como sociedade patriarcal. É essa sociedade que realiza a ficção de Maria Firmina e a impulsiona a construir personagens femininos de caráter autônomo e público, exatamente num momento em que a própria realidade estamental não confere nenhuma condição de emancipação das mulheres.

Partindo dessas ponderações, vamos ler e interpretar três obras de Maria Firmina dos Reis: Úrsula, Gupeva e A Escrava, respectivamente, publicadas em 1859, 1861 e 1887. Nestas são apresentadas três personagens principais ou tipos sociais, como: a moça, a mulher escravizada e a mulher indígena, que lutam dentro da ficção contra a ordem patriarcal brasileira.

Pensando nisso, e para matizar o que apresentamos até aqui como hipótese, lembremos que na prosa Úrsula, publicado em 1859 pela Typographia do Progresso, do Maranhão, encontramos uma personagem que é vítima não somente do paterfamilias, como termina internada num hospício, vítima de um casamento destruído pelos abusos e violência de um homem pertencente ao seu próprio círculo familiar. Contudo, apesar de um desfecho trágico, a personagem inúmeras vezes tenta reagir às regras matrimoniais estabelecidas, lutando para se casar com o homem pela qual se apaixonou e não por aquele que tentavam lhe impor. Com Úrsula, Maria Firmina parece tentar representar tanto o mal-estar das mulheres na sociedade patriarcal brasileira quanto a dificuldade dessas mulheres, a despeito de

¹ Doutorando em Educação da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, cal0415@hotmail.com;

experiências mais ricas de vida, como a possibilidade de escolher seu próprio casamento não se realizarem. Essa e outras personagens de Maria Firmina são personalidades singulares bastante fortes e decididas, revelando a autora estar empenhada a construir na ficção outro papel para as mulheres.

Mas, quando lemos Úrsula, sentimos, apesar da novidade que sua história nos apresenta – a decisão pessoal e não familiar de se casar – o impulso individual não se sustenta e logo a personagem sente toda a pressão da ordem familiar e tradicional brasileira, decidindo o destino da personagem ou a condenando por ter tentando exercitar sua liberdade dentro de uma sociedade de “castas”.

Na mesma direção, merece destaque outro trabalho ficcional de Maria Firmina chamado A Escrava, publicado na Revista Maranhense, em 1887. O conto inicia-se em um salão onde se encontravam as pessoas de “melhor” posição da sociedade, que discutiam sobre variados assuntos e, em um dado momento, trouxeram à tona o tema da escravidão: “o assunto era por sem dúvida de alta importância” e foram muitas as opiniões e divergências.

Em um determinado momento foi proferida a seguinte frase: “Admira-me, disse uma senhora, de sentimentos sinceramente abolicionista; faz-me até pasmar como se possa sentir, e expressar sentimentos escravocratas, no presente século, no século dezenove!”

Mais uma vez surge em cena uma mulher disposta a desafiar a ordem das coisas, dessa vez não em relação ao matrimônio ou à propriedade familiar, mas em relação à estrutura escravocrata e política. Firmina tenta enfrentar dois grandes pilares do estamento brasileiro: o paterfamilias e a escravidão. Fosse no primeiro caso, fosse no segundo, sabemos que fora do texto esse impulso de reação, talvez, nem existiria, todavia, na pena de Firmina, mulheres “ousam” contestar a ordem das coisas.

Outra prosa ficcional, esse chamado Gupeva, de 1861 e, posteriormente, 1863 e 1865, nos jornais Porto Livre e Eco da Juventude, nos transportam para outra época, mas o sentimento é o mesmo: uma mulher indígena luta em meio aos limites do seu sexo e da tradição indígena e europeia do tempo da colonização para existir enquanto sujeito. Nessa prosa, além de apresentar a temática indígena e/ou construir um ideário de nacionalidade, lemos acerca dos conflitos entre os colonos e os indígenas, tendo como pano de fundo a história de amor entre uma indígena e um francês.

A partir da leitura prévia, podemos aventar de que a atitude literária de Maria Firmina não está em construir personalidades heroicas, capazes de romper com toda estrutura existente. São, na verdade, mulheres subjugadas, excluídas e socialmente destinadas ao espaço privado, mas com uma disposição imensa para lutar, num momento em que a experiência da luta, das tensões, dos distúrbios ou inquietações femininas não cabiam.

Palavras-chave: Maria Firmina dos Reis; Mulheres; Sociologia da Literatura.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antonio. **O Discurso e a Cidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.
- FAORO, Raymundo. **Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio**. 3ªed. São Paulo: Globo, 2001.
- SANTOS, Carla Sampaio dos. **A escritora Maria Firmina dos Reis: história e memória de uma professora no Maranhão do século XIX**. 2016.126f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. 2016.
- _____. **Educação, Negritude e Condição feminina: uma análise sobre Úrsula, romance abolicionista de Maria Firmina dos Reis**. Viçosa, Universidade Federal de Viçosa, (monografia e graduação), 2013.
- REIS, Maria Firmina dos. **Cantos à Beira-Mar**. São Luís: Imprensa do Governo do Maranhão, 1976.
- _____. **A Escrava**. Revista Maranhense, Ano 1, n. 3, novembro de 1887, apud MORAIS FILHO, José Nascimento. *Maria Firmina: fragmentos de uma vida*. São Luís: Imprensa do Governo do Maranhão, 1975.
- _____. **Úrsula**. 2. ed. Impressão fac-similar. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora LTDA, 1975.